

## O “Projeto Civilizador Esportivo”: a ética em questão

Samuel de Souza Neto

Dagmar Aparecida Cyntia de França Hunger

No mundo globalizado o esporte tornou-se o ícone de “unidade” nos estádios, das etnias, dos povos, dos pequenos grupos sociais, mas trazendo, subjacente a ele, os limites dessa prática social no confronto entre adversários, na busca de resultados, na guerra ideológica que se instaurou.

Esta questão tem suscitado uma reflexão profunda dos valores que estão em jogo, pois os grandes problemas éticos do mundo atual são “a individualização (privatização) da ética, a tecnologia do mundo (causando um extraordinário progresso material) e o aparecimento de uma sociedade do consumo, do descartável, da competição pelo acúmulo de bens (ganância); a desumanização e a insensibilidade social; a racionalização dos fenômenos sociais e a visão economicista do mundo”. (DRUMOND, 2002, p. 31).

Considerando-se a importância desta problemática, este ensaio, na forma de uma reflexão particular, buscará apresentar a nossa compreensão sobre este assunto tendo como referência o “projeto civilizador” que tem engendrado as modalidades esportivas, pois o “mundo exige-nos um novo homem; formemo-lo através de uma nova educação.” [Barão de Coubertin, 1863-1937 (RAMOS, 1982, p.259)]

A modernidade prefigurou-se no século XVI, com as grandes navegações e as descobertas de novas terras; alicerçou-se culturalmente no racionalismo e na ciência da natureza no século XVII; aperfeiçoou-se na prática com a revolução industrial, ganhando impulso na doutrina iluminista do progresso e na ascensão da burguesia com as revoluções americana e francesa; consolidou-se social, econômica e politicamente no curso do século XIX e consagrou-se no período efêmero, luminoso e ambíguo que foi a *belle époque*. Entretanto, com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917) estilhaçaram-se em fragmentos o vidro de cristal da *art nouveau* da *belle époque*, patenteando as insatisfações sociais e, sobretudo, constatou-se, na carne, que o progresso não passava de mistificação, que o avanço tecnológico não correspondia ao aperfeiçoamento moral da humanidade, desencadeando uma grande crise (ou agonia) numa visão de mundo chamada modernidade (KUJAWSKI, 1988).

Neste cenário, século XX, o esporte atingiu a sua hegemonia como espetáculo global, trazendo a tona os valores da sociedade vigente e uma série de questionamentos quanto aos seus fins, meios e usos a ponto de Bracht (2002, p.195) colocar se em algum momento houve resistência, pois:

A ética esportiva, até bem pouco tempo, envolvia valores relativos ao trabalho: submissão as regras, autodisciplina, autoconfiança, busca de rendimento, espírito de competição etc. Dizia-se: o esporte desenvolve o gosto pela luta, o sentido do esforço, a solidariedade, abnegação, a coragem, a lealdade, a suplantação de si próprio, características (valores) que auxiliaram na sua legitimação

social. Mas, se o esporte afirmava, no plano da prática cultural, valores burgueses, e, com isso, a forma de organização social sob a hegemonia da burguesia, deveríamos perguntar se houve algum tipo de resistência cultural e/ou política ao seu desenvolvimento ou à sua afirmação como forma legítima da prática corporal.

Como o esporte pressupõe competição; valoriza o resultado final muito mais que o empenho esportivo; exige a busca do rendimento máximo; utiliza regras universais e exige dos praticantes um bom nível de performance na execução das habilidades específicas se tornou uma grande feira de exposição do sistema sócio-político-econômico, tendo em vista que...

A nossa sociedade tem no esporte uma de suas principais vitrines do modelo neoliberal que invade o mundo, fabricando os seus ícones na imagem do vencedor. Na cultura gerada em torno do vencedor não existe lugar para o segundo colocado, apenas para o número um, uma espécie de qualidade total a ser alcançada pelos demais competidores em cada torneio. (SOUZA NETO, 1999, p.36)

Nos meios de comunicação esta realidade aparece estampada cada vez mais forte numa cruzada sem precedente de valorização do campeão, levando muitos atletas, na busca de resultados, a utilizarem drogas. Neste contexto, grandes atletas do passado são manchados, quando vem a tona a suspeita, a acusação ou a confissão da obtenção de vantagens, a ponto do presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional), Jacques Rogge, afirmar na Alemanha, ao diário alemão *Sueddeutsche Zeitung*, que o “combate ao doping é uma batalha perdida”, que “a guerra contra o doping não pode ser ganha, mas a luta contra a sua influência no esporte deve continuar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2002, p.D3).

Se tudo isto não bastasse a própria Wada (Agência Mundial Antidoping) assinalou que a “entidade admite estar no ‘escuro’ em relação ao problema. Após os esteróides anabólicos nos anos 80 e a EPO na década de 90, especialistas apontam a chance de a manipulação genética ser usada para tornar os atletas mais ágeis, fortes ou velozes como o grande inimigo do antidoping neste milênio”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2002, p.D3)

A “Lei de Gerson”, o levar vantagem, está presente nas disputas esportivas. Há uma “escola” invisível capturando os novos membros da sociedade de consumo, tendo nos pais, nos treinadores e na mídia o seu maior veículo. A vitória deixou de ser apenas a medalha, transformando-se numa fachada do vale-tudo para aqueles que acreditam que o importante é “vencer” ou “vencer”. Esta realidade veio a tona, de forma escancarada, nos Jogos de Seul-1988, no primeiro grande escândalo de doping...

Bem Johnson, aos 27 anos, teve performance avassaladora nos 100 m rasos, bateu o recorde mundial (9s79), mas perdeu a medalha por uso de esteróide anabólico. Carl Lewis herdou o ouro. Em Seul, a performance de Florence Griffith-Joyner também levantou suspeitas. A americana foi ouro nos 100 m e não só venceu nos 200 m como quebrou o recorde duas vezes no mesmo dia. Seus tempos de 1988 (10s49 e 21s34) nunca foram batidos. Marion Jones, atual campeã olímpica das duas provas, tem marcas bem inferiores (10s65 e 21s62). Florence morreu em 1998 após sofrer ataque de epilepsia, ainda sob suspeita do uso de doping nunca provado. Seu físico e desempenho em Seul geraram polêmica. O brasileiro Joaquim Cruz, prata nos 800 m, chegou a dar declarações na época manifestando as suspeitas. "Florence era extremamente feminina. Agora parece mais homem do mulher", disse à TV Globo. "Essas pessoas devem estar fazendo algo anormal para ganhar tantos músculos." (LEISTER FILHO, 2003, p.D1)

Embora se possa ter um posicionamento crítico sobre a utilização desses expedientes é fundamental registrar que o esporte possui um alto valor educativo, se bem utilizado ou mesmo lúdico, enquanto socialização e/ou de desenvolvimento humano. O problema emerge quando este é visto apenas como um fim em si mesmo, ou deixa de colocar o Homem no centro desse processo, facilitando o aflorar das "taras sociais" relacionadas ao recorde, vitória, sucesso, num rumo sem limites. Corroborando com estes apontamentos, Pilatti (2002, p.71), de forma objetiva, assinalou que ...

Os gregos, diferentemente de muitos povos que acreditavam que as performances atléticas eram fruto dos deuses, foram os primeiros a racionalizar as bases do que hoje denominamos de treinamento esportivo. Atualmente, estudos altamente sofisticados é que fornecem a direção dos esportes. (...) Direção essa que, como sugere Guttmann, há muito rompeu os liames do esporte com a ética e com o humano. A performance espetacular tornou-se uma espécie de fim único.

O sujeito se transforma em objeto, mercadoria, digna de planejamento, investimento estratégico, capital humano. Esta realidade pode ser muito bem demarcada quando se observa com atenção a especialização precoce no esporte em escolinhas de iniciação esportiva, valendo lembrar que nem todas têm este objetivo, mas que, no entanto, é real. Dessa maneira, o que normalmente se observa é a grande pressão que pais e técnicos exercem sobre os jovens atletas, exigindo resultados muitas vezes impossíveis de serem atingidos em função das características da faixa etária (DE ROSE JR, 2002, p.74). Por exemplo:

Martina nasceu, foi batizada e criada para ser campeã com uma raquete nas mãos. Seu nome é uma homenagem a Martina Navratilova, a grande campeã dos anos 80. Aos 3 anos a mãe colocou-lhe nas mãos uma raquete. Com 5, disputou seu primeiro campeonato. Aos 12 anos, ainda juvenil, ganhou em Roland Garros o primeiro título de

*Grand Slam*. Com 14, tornou-se profissional. Fez 15 e venceu, em duplas, o primeiro título em Wimbledon. Com 16, embolsou seu primeiro milhão de dólares em prêmios e, antes de completar 17, já deverá ter embolsado o segundo. Nenhuma tenista antes dela, homem ou mulher, conseguiu realizar tantas façanhas com tão pouca idade. (CARDOSO, 1999, p.70)

Porém, anos mais tarde, quando Martina Hingis, aos 21 anos de idade, precocemente, parou de jogar tênis, em virtude das lesões sofridas; brigou com a mãe e foi morar sozinha, valendo registrar que - assim como a musa do atletismo Florence Griffith-Joyner morreu na casa dos 30 anos e Ben Johnson se tornou o "vilão" das Olimpíadas de Seul - Hingis viu sua promissora carreira terminar, ainda, na adolescência. Há muitíssimos outros exemplos e casos dessa mesma natureza em outros esportes, trazendo a tona a questão dos limites, dos valores, do certo e do errado, da ética e da moral.

Sobre esta questão, Bracht (1986, p.63), ao tratar do tema "A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista", parece ter dado uma resposta ao assinalar que "a nova geração é educada em e para uma sociedade competitiva no qual o princípio de rendimento se impôs", observando que a competição no meio social é um reflexo do sistema capitalista vigente. Portanto, decorrente dos valores adotados como "verdadeiros".

Este problema também foi objeto de reflexão para Ciabatini (2003), no texto "Jogar para ganhar. Mas o que?", ao observar que, hoje em dia, o esporte, de maneira geral, "é considerado como um meio para alcançar a fama e inclusive para ganhar dinheiro" (p.39), não sendo diferente em outras áreas do agir humano. Inclusive o próprio autor assinala com muita ênfase que gosta de jogar bola, futebol, com os seus amigos e... "naturalmente faço de tudo para marcar um gol ou até mesmo, mais de um" (p. 38). Observa-se por esta declaração que o "princípio de rendimento se impôs", se tornou "inerente" à própria competição, prática, "naturalizando-a". Porém, o autor dá "um passo a frente" e nos convida a ir contracorrente, explorando outras formas de relacionamento no esporte, como a reciprocidade, o que para Bracht seria canalizar, nas aulas de Educação Física, atividades que permitissem aos educandos vivenciar práticas esportivas que privilegiassem antes o rendimento possível e a cooperação. Nesta perspectiva se deveria privilegiar uma mudança de mentalidade e os objetivos voltar o seu foco para...

- Sensibilizar os adultos sobre o processo competitivo e a participação da criança nesse processo, suas necessidades, capacidades e expectativas.
- Entender que a criança não é um adulto em miniatura e, portanto, as competições devem ser organizadas para eles e não para agradar os adultos.
- Proporcionar aos jovens experiências positivas na competição.
- Encorajá-los a desenvolver autoconfiança, bem como uma imagem, valorização e conceitos positivos de si mesmos.

- Ajudá-los a desenvolver habilidades interpessoais.
- Competir por diversão e apreciar a competição.
- Proporcionar um ambiente agradável que permita à criança obter senso de competência. (DE ROSE JR, 2002, p.74-75)

Todavia, quando se trata do esporte espetáculo, o presidente do COI, o belga Jacques Rogge, dá “um passo para trás”, quer virar outra página da história e sinaliza para a realização dos primeiros Jogos 100% profissionais. Neste não se permitirá mais a presença de atletas que não tenham o índice técnico, pondo um ponto final aos convites, último resquício do chamado espírito olímpico. Se for concretizada esta proposta, a máxima será “só quem quer e pode vencer vai participar” (ROSEGUINI, 2003, p.D1). Uma possível “ética” de resultados está sendo proposta, colocando em questão o seu significado e a moralidade dos fatos, nos levando a rever estes conceitos.

Em geral, utilizamos os termos ética e moral como se fossem sinônimos. Costumamos dizer que “fulano agiu de maneira imoral” ou “fulano agiu sem ética”, querendo indicar a mesma coisa. Não é sem razão que não se faz essa distinção, no cotidiano. Ética vem do grego *ethos*, que significa costume, jeito de ser, caráter (no sentido de marca). Moral vem do latim *mores*, que tem o mesmo significado, indica também costume, hábito. Em que consiste, então, a diferença? (RIOS, 1996, p.123)

Para Rios (1996), se ambos os termos indicam costumes, eles nos apontam para uma dimensão social da ética e da moralidade. Porém, os costumes estão associados a deveres que se instituem no social e se relacionam com a norma, a lei, como forma de comportamento que deve ser seguida pela sociedade. O dever aparece neste horizonte como algo bom, algo que se relaciona com o bem, sinalizando para o que é considerado correto dentro do grupo social.

Neste itinerário, a moral pode ser definida como um conjunto de valores, de crenças, de princípios, de deveres que norteiam a conduta das pessoas na sociedade, considerando que....

A ação é considerada boa quando é uma adesão àquilo que é chamado de bom e é considerada má quando há uma recusa a cumprir o dever. A proximidade maior ou menor deste dever, deste bem, é que faz nossas ações serem chamadas de boas ou más. Entretanto, costuma-se classificar como imoral a ação que nega o dever, como se ela tivesse qualquer correspondência com a moralidade. Na verdade, tanto a obediência quanto a transgressão são atos morais. Isso implica uma responsabilidade, uma vez que, diante do dever, nós respondemos, afirmando sim ou não. Quando “desconsideramos”, ou podemos desconsiderar, o dever, tal como é colocado para nós na relação com bem, então estamos num plano que já não é mais o plano da moralidade. Há planos de valoração dentro da cultura, dentro da história, que não são planos de valoração moral, são planos de valoração lógica, científica, estética. Avaliamos

as coisas como verdadeiras ou falsas do ponto de vista lógico, as ações como feias ou bonitas de um ponto de vista estético e como boas ou más do ponto de vista moral. (RIOS, 1996, p.124-125)

No campo esportivo, a transgressão é uma coisa considerada má, portanto, um ato imoral, principalmente se estiver relacionado ao doping, na falta indiscriminada contra o adversário. Então o que diferencia a ética da moral?

Se a moral é o conjunto de princípios que norteiam a ação dos homens, a ética é entendida como a reflexão crítica que faço sobre estes princípios. Por exemplo, quando falo na ética me refiro a uma reflexão de caráter crítico que faço sobre a dimensão da moralidade.

Na moral, encontramos a regra: “faça isto, não faça aquilo”, ande por este caminho, não ande por aquele. Na ética indagamos: “por que?”, “Por que não fazer isto ou aquilo?”, “Por que seguir determinado caminho?”, “Qual é o significado que isto tem?”, “Qual é o seu fundamento?”. Essas perguntas podem ser feitas também no terreno da moral. Entretanto, há aí uma diferença: na moral, as respostas já estão dadas, já se encontram prontas. Quando perguntamos “por que?”, na moral, recebemos a resposta estipulada em virtude dos valores estabelecidos pelos costumes. Quando, entretanto, nossa indagação tem intenção de buscar os fundamentos dos valores, sua consistência, já estamos no plano da ética, da “ciência do *ethos*”, de uma atitude crítica que procura superar o senso comum, a resposta pronta, as afirmações irrefletidas. (RIOS, 1996, p.126-127)

Assim, a ética ao perguntar pelos fundamentos vai em busca da consistência dos fatos, pois ao perguntar por que? vai em busca da raiz da questão, de sua sustentação, de seus pressupostos. Portanto, não há como separar a ética da moral. A primeira está associada a crítica, ao terreno da teoria, buscando entender o significado daquele objeto; enquanto que a segunda está vinculada ao terreno da moralidade que está na prática, na ação, no certo e no errado.

Dentro desta lógica, Harris (2002), ao tratar do tema “Valores éticos e esporte”, apontou que o estudo de ações certas e erradas em esporte lida com tópicos relacionados a trapaça, falta intencional, determinação para vencer, uso de drogas para melhorar a performance, bem como há a busca por promover justiça, igualdade, segurança e bem estar dos atletas – o jogo justo. De forma que, neste campo, as questões morais são frequentemente exploradas no esporte de elite pelo montante de dinheiro envolvido, cabendo destacar que quando “os atletas e treinadores têm seus objetivos em prêmios valiosos, isso algumas vezes faz com que seja dada menos atenção às questões de moralidade. Sob tais condições, a moral é severamente testada”. (p. 153)

Neste pêndulo, que acabou se formando, três fontes éticas foram encontradas, ora relacionadas aos costumes adotados por convenções; ora baseadas no interesse pessoal e ora na adoção de um caminho moral.

A primeira ocorre quando usamos os costumes de nossa sociedade, oriundos de convenções relacionadas a leis, crenças religiosas e o senso comum, para decidir sobre o certo e o errado. Sobre esta referência Kanitz (2002) assi-

nalou que em função disso as gerações mais velhas criaram uma moral e uma ética, uma religião, uma filosofia de vida para ser transmitida às novas gerações para que elas não fizessem “besteiras” que poderiam marcá-las para o resto da vida. A este respeito poderíamos perguntar quem não conhece alguns ditados populares como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” ou “olha com quem tu andas e direis quem tu és”. Porém, voltemos ao autor, pois este faz uma importante observação ao nos lembrar que:

Antigamente, moral e ética eram transmitidas às novas gerações pelas classes dominantes, pela aristocracia, pelos intelectuais, escritores e artistas. Era uma época em que os nobres eram nobres, exemplos a ser seguidos por todos. Hoje isso mudou. Nossas lideranças políticas, acadêmicas e empresariais não mais se preocupam em transmitir valores mortais às futuras gerações. Não existe mais o *noblesse oblige*, a obrigação dos nobres, como antigamente. Poetas até enaltecem os nossos “heróis sem caráter”. Hoje, quem quiser adquirir valores morais e éticos neste mundo “moderno” terá de aprender as regras sozinho. (p.20)

A segunda fonte é encontrada quando tomamos decisões éticas baseadas em nossos interesses, decidindo aquilo que é melhor para nós mesmos. Por exemplo: no Campeonato Mundial de Fórmula 1 - 2002, a Escuderia Ferrari, meados do campeonato, pediu por rádio para que o seu segundo piloto (Rubens Barrichello), que estava em primeiro lugar, deixasse passar o companheiro de equipe e líder do campeonato (Michael Schumacher), que estava em segundo lugar, a poucos metros da linha de chegada. Explicação: “estrategicamente” a equipe não queria correr riscos no campeonato, gerando no dia seguinte protestos por parte da imprensa internacional em virtude da “marmelada”. Outro exemplo: “Um atacante no futebol americano utiliza esta fonte de raciocínio quando decide ajudar seu time golpeando extremamente forte um zagueiro na esperança de provocar uma lesão grave o bastante para mandar o zagueiro para as linhas laterais pelo restante do jogo”. (HARRIS, 2002, p.153)

A terceira fonte, encontramos quando se adota o caminho moral, procurando produzir o melhor mundo possível para todos, permitindo que vença o melhor, no caso de um jogo de futebol, sem recorrer a expedientes que prejudiquem o adversário. Como exemplo dessa idéia pode-se citar o *fair play*, jogo limpo.

No geral observa-se que as decisões feitas com base no próprio interesse levam à desconfiança, medo, desconsideração do outro (participante), individualização; enquanto que as decisões relacionadas à adesão dos costumes sociais e leis também são problemáticas, pois não são necessariamente, ou moralmente, corretas (por exemplo, em época de guerra uma simples ordem pode resultar no massacre de milhões de pessoas). Mas, se o critério for o melhor para a maioria das pessoas, enfatizando as qualidades lúdicas do esporte, então a competição deverá buscar a melhor performance dos competidores, tendo como parâmetro o respeito mútuo, o *fair play* (jogo limpo), a interdependência, o Homem como sujeito do processo e não o inver-

so, pois...

A individualização não é só um processo contínuo, interminável. Ela é definida justamente pela relação com as questões de interdependência. Só pela idéia de interdependência humana podemos superar a dicotomia liberdade/determinismo, dado que ela é fruto da observação de que cada indivíduo é tributário, desde a infância, de uma multidão de indivíduos inter-relacionados, unidos pela dependência criada na diversificação, como componente de um processo civilizador constante e não planejado. Passível, portanto, de recuos e de retrocessos.<sup>1</sup> (LUCENA, 2002, p.124)

A teoria do processo civilizador de Norbet Elias (1992) nos ajuda a compreender que “a relação entre indivíduo e sociedade só pode ser esclarecida se investigarmos ambos como entidades em mutação e evolução, ou seja, como componentes de um processo” (LUCENA, 2002, p.120). O que na visão de Gebara (2002, p. 20) nada mais é do que “um processo “cego” (não planejado) e empiricamente evidente”. Em termos práticos significa dizer que “a violência imbricada no cotidiano dos guerreiros cede lugar ao debate e ao refinamento das atitudes dos cortesãos”, pois “violência e civilização são processos complementares, são formas específicas de interdependência” (p. 21). Assim, o esporte não é um espetáculo a “parte”, mas parte de um jogo de interdependência humana que exige da pessoa procedimentos e formas de participação dentro desse processo.

No âmbito dessa visão, Hunger e Souza Neto (2003) vão lembrar que para compreender a sociedade há necessidade do entendimento de que as pessoas constituem teias de interdependência ou “configurações” de muitos tipos num entrançado flexível de tensões. O conceito de configuração ou figuração nos permite diluir o constrangimento de se pensar o indivíduo e a sociedade como se fossem duas entidades antagônicas e diferentes.

Para Elias a configuração significa o padrão mutável que foi criado por um conjunto de jogadores – não só por seus intelectos - no seu todo, na totalidade das suas ações em relações que sustentam uns com os outros. Portanto, o fenômeno esportivo nos oferece este modelo de interdependência e de configuração, nas relações que se estabelecem entre indivíduo e sociedade, num desafio constante de se buscar pontos de interseção que se complementem, mas que ao mesmo tempo mantêm a sua especificidade, sem perder a noção de “unidade”.

Campeonato Mundial de Ginástica, (...) de 25 a 28 de julho de 2001, em Odense, Dinamarca. (...), a russa Irina Kanavaeva havia recebido a medalha de ouro no trampolim acrobático. Para surpresa de todos, ela recusou a medalha, afirmando que os juizes haviam se equivocado, dando-lhe a maior pontuação. Segundo a atleta, a grande vitoriosa teria sido Ana Dogonadze, deixada na segunda

<sup>1</sup> Para Lucena, com base em Elias, a “individualização” não é um estado, mas uma relação construída a partir de uma crescente interação e dependência – uma configuração – ou seja, estabelecem-se inter-relações que permitem às relações humanas serem balizadas no processo civilizador, não como campo de *liberdade* ou de pura dominação, mas como elemento de libertação.

colocação pelos árbitros. (...), o presidente da Federação Internacional de Ginástica (FIG), o italiano Bruno Grandi, decidiu abrir uma exceção na regra da entidade, que impede a troca de resultados oficiais após a entrega de medalhas, e declarou Dogonadze como a nova campeã mundial, deixando Kanavaeva com a medalha de prata. Num comunicado oficial da entidade, Grandi afirmou que o gesto de Karavaeva deveria servir de modelo para toda a comunidade esportiva. (BARBOSA, 2002, p.43)

Karavaeva nos deu um bom exemplo daquilo que foi falado anteriormente, sobre o processo civilizador, ao colocar a sua atitude ética no plano da moralidade, bem como no âmbito da interdependência e da configuração, buscando a sua “libertação” ao questionar uma classificação de performance quanto ao seu mérito. Esta atitude, embora individual não é isolada dando-nos a perspectiva de que as colunas para um novo projeto civilizador estão em curso no comportamento que adotamos em nossas práticas.

No início desse ensaio foi colocado, de forma subjacente, o desafio que a modernidade trouxe para o período contemporâneo no campo esportivo, trazendo como alternativa de resposta a interdependência e a alteridade, pois um novo projeto só poderá se construído se pensarmos no “outro”, não como inimigo ou obstáculo a ser vencido ou derrotado, mas como alguém que nos completa, que nos amadurece.

Pensar a alteridade no plano competitivo significa assimilar que não somos competentes sozinhos. Nos tornamos solitários quando não contamos com a companhia do outro. Da mesma forma não se consegue ser humano sozinho, pois quem me diz como sou é o outro, me descubro no olhar do outro. Assim, quando deixo de considerar o outro como alguém que me faz ser eu, passo a considerá-lo como um *alienus* (alheio), rompo com a alteridade e até mesmo com a minha identidade. Ao romper com o *alter*, de certa forma “acabo comigo”, pois me torno alienado, perdendo a minha identidade – rompo com a interdependência.

Outro ponto a ser considerado diz respeito à estreita articulação entre a moralidade e a política, na inserção desta na *polis*, na sociedade organizada, na tomada de posição com relação às questões de poder. A dimensão política, na sua ação, significa tomar partido, pois qualquer que seja a nossa posição esta com certeza representa uma tomada de decisão, de direção, como a da atleta de ginástica.

Neste contexto, a ética (ciência do *ethos*) se realiza na instância da *polis*, no encaminhamento da noção de bem comum que se configura nas ações relacionadas à adesão ou recusa do dever, pois a moral tem sempre um caráter social. Não há uma moral individual ou particular. Assim, a pessoa que toma decisões a toma em função de valores e expectativas. A outra parte da resposta à questão que foi colocada está em nós, no nosso agir civilizatório e isso dependerá de nossos aões.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, C. S. *Fair Play*, o “jogo limpo”. *Cidade Nova*, ano XLV, nº 9, setembro, 2002, p.42-43.

BRACHT, V. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.191-206.

\_\_\_\_\_. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n. 7, v. 2, p. 62-68, 1986.

CARDOSO, M. Quando é cedo demais. *Veja*, 2 de abril, 1997, p. 70-73.

CIABATINI, J. Jogar para ganhar. Mas o que? *Cidade Nova*, ano XLV, nº 6, junho, 2003, p.38-39.

DE ROSE JUNIOR, D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE JUNIOR, Dante (org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.67-76.

DRUMOND, J. G. F. Ética e Educação Física. *E.F. – Educação Física*. Ano II, nº 05, dezembro, 2002, p.30-32.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. In: DE ROSE JR., Dante (org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.25-38.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.5-30.

HARRIS, J. Filosofia da atividade física. In: HOFFMAN, Shirl J. e HARRIS, Janet C. (org.). *Cinesiologia: o estudo da atividade física*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 135-156.

KANITZ, S. A importância da ética. *Veja*, 9 de janeiro, 2002, p.20.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JR., Dante (org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 39-50.

KUJAWSKI, G. M. *A crise do século XX*. São Paulo: Ática, 1988.

LEISTER FILHO, A.. EUA se mobilizam para abafar escândalo. *Folha de São Paulo – Caderno Folha Esporte*, 27 de abril, 2003, p. D 7.

---

\_\_\_\_\_ Dirigente afirma que EUA omitiram doping de Lewis. *Folha de São Paulo* – Caderno Folha Esporte, 18 de abril, 2003, p. D 1.

LEISTER FILHO, A. e OHATA, E. . COI joga a toalha na luta contra o doping. *Folha de São Paulo* – Caderno Folha Esporte, 2 de janeiro, 2002, p. D 3.

LUCENA, R. Elias: individualização e *mimesis* no esporte. In: PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.113-138.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR., Dante (org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.89-98.

PILATTI, L. A. Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.63-76.

RAMOS, J. J. *Os exercícios físicos na história e na arte*. São Paulo: IBRASA, 1982, 348p.

RIOS, T. A. Ética e interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani (org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1996, p. 121-136.

ROSEGUINI, G. De volta ao berço, COI quer jogos 100% profissionais. *Folha de São Paulo* – Caderno Folha Esporte, 10 de junho, 2003, p. D 1.

SOUZA NETO, S. Os Ídolos. *Cidade Nova*, ano XLI, nº 6, junho, 1999, p.36.

---

Samuel de Souza Neto  
Professor Doutor do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP/Rio Claro.

Dagmar Aparecida Cyntia de França Hunger  
Professora Doutora do Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru

---